



ORACULA 4.8 (2008)

ISSN: 1807-8222

O MOVIMENTO MESSIÂNICO DO CONTESTADO

Tania Aparecida da Silva Calonga

RESUMO

Neste artigo pretendo expor algumas características do Messianismo, bem como discutir a atuação dos monges João Maria de Agostini, João Maria e José Maria na região do Contestado. Os monges apresentavam uma esperança de vida nova para o povo. Encarnavam o protesto e os anseios dos caboclos, formando uma contracultura, pois não representavam as instituições brasileiras. Com a morte do monge José Maria aconteceu uma reelaboração mística. A espera pelo retorno do monge com o “exército encantado” permitiu a construção de um novo projeto de sociedade.

Palavras-chave: Contestado; história; messianismo; videntes.

ABSTRACT

In this article I intend to expose some characteristics of Messianism as well as to discuss the monks João Maria de Agostini, João Maria e José Maria’s activity on Contestado region. The monks presented a hope for a new life for people. They incarnated the protest and the caboclo’s wishes, forming a counter-culture, for they didn’t represent the Brazilian institutions. Since monk José Maria’s death a mystical re-elaboration took place. The waiting for the monk’s return with the “enchanted army” permitted the build of a new project of society.

Keywords: Contestado; history; Messianism; fortune-tellers.

Introdução

A Guerra do Contestado foi um dos maiores movimentos sociais do país no início do século XX, caracterizado pelo messianismo, que refletia as transformações da região entre Santa Catarina e Paraná.

No presente trabalho pretendo expor algumas características do Messianismo, bem como, discutir a atuação dos Monges João Maria de Agostini, João Maria e José Maria, na Região do Contestado.

Os Monges apresentavam uma esperança de vida nova para o povo. Encarnavam o protesto e os anseios dos caboclos, formando uma contracultura, pois não representavam as instituições brasileiras. A procura dos Monges por essas pessoas seria uma forma de revolta, um protesto contra aqueles que sempre os exploraram. A luta do povo e a crença neles significavam a construção de uma nova sociedade, baseada na justiça social, sem exploradores e sem explorados.

No caso do Contestado, o messianismo se caracteriza na crença da ressurreição de José Maria, quando videntes passam “ordens” recebidas do monge aos demais integrantes das *idades santas* (redutos). A simbologia das orações, dos rituais e das práticas de guerra também reafirmam o caráter místico e religioso do movimento.

A décima a seguir, demonstra as expectativas e certezas dos caboclos com relação ao retorno de José Maria e do “exército encantado”.

- 1) Tamo aqui no Quadro Santo
Esperando Zé Maria
Nóis sabemo que ele disse
Que aquí ressurgiria.
- 2) Sempre foi muito querido
Nosso bão José Maria
Com certeza há de vortá
Lá por mais ou menos dia.
- 3) De repente lá vêm eles
Tão aí com João Maria
Trazê orde nesta terra
Bem conforme prometia.
- 4) Arrumemo o Quadro Santo
Pra esperá José Maria,

- Há de vir sem mais demora
Isso é que nós queria.
- 5) Meio mundo que tá aqui
Já enxergô José Maria
À cavalo entre as nuve
Lá de riba ele sorria.
- 6) Alegria virá na terra
Ao chegá José Maria,
Os arroio vira leite,
De cus-cuiz nossas coxília.
- 7) Ninguém mais fica doente
Ao vortá José Maria,
Casa e mesa a todo mundo
Bóia quente e água fria.
- 8) Não percisa mais dinheiro
Chega a fé em Zé Maria,
Temo forga à vontade
Pra criá nossas família.
- 9) Se alegremo minha gente
Esperando Zé Maria
Viveremo em Paraíso
Como nunca se vivia.
- 10) Temo fé no Santo monge
“(João Maria)”
E também em Zé Maria,
Mais São Jorge e São Migué,
São Bastião que nós confia.

1. O nome do movimento

O nome Contestado se deve ao fato do movimento ter acontecido numa área disputada entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Essa disputa gerou inúmeros episódios de agressões mútuas, pois o Paraná acabou avançando e administrando vilas numa região já reivindicada por Santa Catarina. Um vasto processo judicial resultou também dessa disputa, ocorrendo decisões favoráveis a Santa Catarina no Supremo Tribunal Federal, nos anos de 1904, 1909 e 1910.

A guerra da República contra os fanáticos de Santa Catarina reacendeu a questão da disputa pela posse do território entre os governos de Santa Catarina e Paraná (que “contestavam” nos tribunais o direito de um e de outro sobre as terras), e muitos entenderam que o movimento não passava de mais um episódio entre os dois estados.

De qualquer modo, os governos estaduais envolvidos tentaram tirar proveito dessa guerra para suas intrigas por causa dos limites. Ao final da guerra, os governos do Paraná e Santa Catarina, chegaram a um acordo, mediado pelo presidente Wenceslau Brás, acertando definitivamente tais limites em 1916.



2. O governo Hermes da Fonseca (1910 – 1914)

O mandato do terceiro presidente militar, o marechal Hermes da Fonseca, foi um período de muita turbulência e de muita repressão. Na disputa presidencial, o marechal só conseguiu o poder graças ao apoio dos chefes políticos de Minas, Rio Grande do Sul e parte de São Paulo. As oligarquias rurais continuaram a dominar a política no Brasil.

O grupo militar que estava no poder, em vez de uma postura independente, uniu-se às oligarquias regionais de oposição, havendo apenas uma substituição de comando. O Ceará foi um exemplo. Quando o presidente indicou o coronel Franco Rabelo para o governo, a fim de derrubar o domínio dos Aciolly, os coronéis se revoltaram. Juntamente com o Padre Cícero, eles assinaram o “Pacto dos Coronéis” e impuseram o nome de Floro Bartolomeu.

A crise só terminou quando foi nomeado interventor o general Setembrino de Carvalho, que mais tarde comandaria a repressão no Contestado.

A Revolta da Chibata foi outro fato que abalou seu governo. Cansados de serem castigados com o chicote, no dia 22 de Novembro de 1910 estourou uma revolta de marinheiros, comandada pelo negro João Cândido. Exigiram a reforma do Código Disciplinar, o fim das chibatadas e outros castigos, melhores salários e formação de marinheiros.

O governo aceitou as exigências e prometeu uma anistia. Mas logo rompeu o acordo e prendeu 22 líderes, o que provocou uma nova revolta. A repressão foi mais violenta: 97 presos, muitos enviados para a Amazônia, outros fuzilados e vários mortos nas masmorras da Ilha das Cobras.

O governo do Marechal Hermes da Fonseca tido como um dos mais vacilantes e repressivos da nossa história será acompanhado também pela agitação no Contestado.

3. A República dos Coronéis

Proclamada a República, a grande propriedade rural, com objetivo exportador, continuava predominando em todos os Estados do Brasil. A maioria da população rural era composta por colonos, meeiros e posseiros. Sem propriedades e sem leis que os protegessem, essas pessoas dependiam inteiramente dos coronéis.

É importante entender o que representavam os coronéis nessa época. A denominação “coronel” surge no período das regências (1831-1840), quando os grandes latifundiários, empenhados em conter as inúmeras revoltas populares, passam a organizar uma força armada, a Guarda Nacional, composta por peões das fazendas e pelos próprios fazendeiros, que ocupavam o seu comando com a patente honorífica de coronel.

O coronel era o chefe, o protetor, o compadre, o juiz, o organizador de festas, mas, sobretudo, era quem “mandava nas consciências”.

No sul do Brasil, mesmo com a colonização feita por estrangeiros, a figura do “coronel” não deixou de ser central nas relações sociais, econômicas e políticas. Em muitos lugares, acabaram surgindo “novos coronéis”, ligados à empresa colonizadora, ao comércio e à extração madeireira.

4. O capitalismo no campo

A partir de 1850, o Brasil viveu um acelerado processo de modernização material. Tomando como base Europa e Estados Unidos, os transportes, as comunicações, a vida cotidiana, as Forças Armadas, a política e a economia foram remodelados. Tratava-se de um avanço financiado pelo capital estrangeiro, especialmente inglês e norte-americano.

Para se entender a razão essencial do conflito do Contestado, é necessário considerar o problema causado pela penetração do capitalismo nas áreas rurais, expropriando terras e transformando costumes e tradições, em nome do progresso, totalmente apoiado pelo governo e pelas elites.

A *Brazil Railway*, companhia americana muito bem relacionada com o governo federal e praticamente apadrinhada pelo governo do Paraná, recebeu deste último, como parte do pagamento pelo término da construção do trecho União da Vitória – Rio Uruguai, da então chamada Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, uma faixa de terra de quinze quilômetros de cada lado da ferrovia.

A Companhia criou em 1911, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Constituída nos Estados Unidos, mas com capital levantado na Europa, foi a primeira multinacional a se estabelecer no Contestado. Passou a fazer parte do grupo de empresas formado pelo *Sindicato Farquhar*. Tinha por objetivo a exploração madeireira da região.

Inicialmente a *Lumber* se estabeleceu nos campos de São Roque, na localidade de Calmon, no alto Rio do Peixe, com serraria de alta produtividade. Mais tarde adquiriu terras próximas a Canoinhas, na região de Três Barras, ali instalando um enorme complexo madeireiro.

Para construir a linha ferroviária entre Porto União e Rio Uruguai, a *Brazil Railway Company*, constituíra a *Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande*, que iniciou as obras no trecho ao longo do Rio do Peixe, em 1908, atravessando todo o território do Contestado.

Com inauguração prevista para 1910, a empresa contratou trabalhadores em todo país, reunindo cerca de oito mil pessoas. Concluídas as obras a maior parte dos trabalhadores dispensados não voltou à cidade de origem, pretendiam estabelecer-se junto à linha. Porém, logo tiveram que se retirar, sem direito e possibilidade de comprar um terreno. Essas

peças foram se juntar às famílias moradoras naquela faixa de terra que haviam sido expulsas pela Companhia.

Todos os direitos e obrigações da concessão original, datada de 1889, passaram à empresa que, com as modificações posteriores, manteve a cessão dos terrenos marginais aos trilhos, destinados à colonização, podendo loteá-los e vendê-los exclusivamente para imigrantes europeus.

Mas, tudo indicava que o principal interesse dos americanos era a enorme floresta nativa de pinheiros e imbuías que cobria a região. Tanto que, logo construiu em Três Barras, no Rio Negro, a maior e mais moderna serraria da América Latina, que exportaria para os Estados Unidos milhões de metros cúbicos de madeira.

Esta situação levou as famílias expropriadas e toda a população cabocla da região a revoltar-se contra o governo e contra os “coronéis”, os quais trabalhavam pelos interesses da empresa americana.

5. O Monge João Maria



No sul do Brasil havia uma tradição na crença de curandeiros, curandeiras, homens santos e dotados de poderes. O mais famoso deles foi João Maria de Agostini, também chamado João Maria de Santo Agostinho, natural de Piemonte, Itália. Vindo de Sorocaba, interior de São Paulo, percorreu os mesmos caminhos dos tropeiros, que ligavam comercialmente o Sul e o Sudoeste e formavam o chamado Caminho do Sul. Esses místicos eram chamados de “monges”, mesmo não pertencendo a nenhuma congregação religiosa. Eram leigos que decidiram dedicar sua vida à religião.

“Num dos livros de inscrição de estrangeiros, em Sorocaba, está registrado um italiano sob o nome de João Maria Agostini, que chegou ali em 24 de Dezembro de 1844, declarando de profissão *eremita solitário*, vindo ao país em exercício de seu ministério”.¹

Percorreu muitos lugares no sul, passando pelo Rio Grande do Sul chegando até o Uruguai, permanecendo mais tempo em Santa Catarina.

¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo, Dominus, 1977, p. 247.

Nas suas peregrinações erguia cruzeiros e capelas, pregando, curando, organizando procissões. Nunca aceitava hospedagem em casa nenhuma. Frequentemente estabelecia pouso debaixo de alguma árvore, perto de uma nascente ou de um riacho. Ali armava sua barraca, acendia o fogo onde ele próprio preparava sua comida e abria a caixa do oratório que sempre levava às costas.

O monge era considerado pelos sertanejos um grande curador. Não era necessário lhe trazer o doente, bastava que algum parente rezasse com ele e levasse a “mezinha”. Um chá de vassourinha do campo, também chamada de vassourinha do monge. O fato de ser receitada pelo monge tornava a vassourinha milagrosa.

Quando o monge mudava de pouso o local onde ele havia estado tornava-se sagrado. Atribuía-se propriedades miraculosas à água da nascente ou do riacho em que o monge bebera. As pessoas vinham buscar a água com garrafas e levavam para longe. Com as cinzas da fogueira costuravam um breve e penduravam-no no pescoço como proteção contra as coisas ruins. Na Semana Santa os moradores das redondezas iam até o local para rezarem.

Além de curador, o monge João Maria dirigia rezas, benzia as roças e o gado, dava conselhos, casava e batizava. Muitos deixavam os filhos anos sem batismo, esperando o dia em que o monge aparecesse.

Quando peregrinava pelo Rio Grande do Sul, construiu uma capela nos arredores de Santa Maria, multidões começaram a visitar o local. Temendo pela segurança o presidente da província expulsou o monge João Maria em 1848.

6. O segundo João Maria

O segundo João Maria chamava-se Atanás Marcaf, provavelmente de origem Síria. Assim como o primeiro não gostava de ser seguido. Também vivia de esmolas, não comia carne e não dormia dentro das casas. Reunia os homens para realizar novenas e terços, fazia pregações. Falava de maneira simbólica, de compreensão difícil, o que enchia de espanto e admiração àqueles que o ouviam. Dizia: “o homem é bom, os homens são maus”. “o povo deve fazer penitência porque os castigos de Deus se aproximam..” “...dia virá em que o

sangue correrá abundante...” “...Jesus disse a São Pedro que o mundo devia durar mil anos, mas que em caso algum duraria outros mil...”²

Anunciava muitas catástrofes quando o fim do mundo estivesse próximo: escurecimento do sol que duraria três dias, nuvens de gafanhotos corroendo as colheitas, destruição de muitos povoados.

Procurado em 1897, pelo Frei Rogério Neuhaus, responsável pelas paróquias de Lajes e Curitiba, segundo Maria Isaura P. de Queiroz, afirmou de “convence-lo a desistir de suas atividades religiosas que, como leigo não poderia exercê-las. João Maria respondeu ao Frei que tudo o que pregava existia nas Sagradas Escrituras; que os padres é que falseavam a verdadeira religião e ensinavam mentiras aos caboclos”.³ A todos, o monge dizia que estava cumprindo uma penitência e que possuía a missão de ensinar. Quando o Frei Neuhaus lhe perguntou quem lhe dera essa missão, ele respondeu:

– Eu nasci no mar, criei-me em Buenos Aires, e faz onze anos que tive um sonho percebendo nele claramente que devia caminhar pelo mundo durante quatorze anos, sem comer carne nas quartas-feiras, sextas-feiras e sábados, e sem pousar na casa de ninguém. Vi-o claramente.⁴

Criticava a República e dizia que esta era ordem do demônio e que a Monarquia era a ordem de Deus. Na concepção dele e mais tarde de todo o movimento, a Monarquia era tida como um sistema oposto ao regime dos “coronéis”.

Acredita-se que tenha falecido entre 1904 e 1908, mas os caboclos não acreditavam na sua morte. Muitas vezes o monge havia afirmado que terminando sua missão, se retiraria para o morro encantado do Taió, pois esta teria sido uma ordem recebida por Deus. Mas um dia ele mesmo retornaria ou mandaria alguém para consolar o “seu povo”.

Com seu desaparecimento os milagres foram crescendo e a fotografia que havia tirado em 1898 era colocada nos oratórios das casas junto com os outros santos. Todos esperavam pela sua ressurreição.

² QUEIROZ, *O messianismo no Brasil e no mundo*, p. 247.

³ QUEIROZ, *O messianismo no Brasil e no mundo*, p. 248.

⁴ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social*. São Paulo: Editora Ática, 1981, p. 52.

7. O Monge José Maria

“Desde João Maria, as gentes do interior estão esperando um outro messias”, noticiou um jornal de Florianópolis em 27/09/1912.⁵

Em 1912 surge outro monge chamado José Maria, cujo nome verdadeiro era Miguel Lucena de Boaventura, desertor do Exército Nacional ou da Força Policial do Paraná. Consta que fora preso em Palmas, onde agia como curandeiro, por atentado à moral. Fugiu da cadeia e apareceu em Curitiba exercendo atividades de curandeiro.

“Em 1911, os jornais de Florianópolis noticiaram o aparecimento de um “irmão” de João Maria, que se fazia chamar Monge José Maria”.⁶ Segundo Maurício Vinhas de Queiroz, quando perguntavam a José Maria se era irmão do antigo profeta, respondia dubiamente, mas sem desmentir. Afirma que José Maria deveria sentir uma forte afinidade, uma espécie de parentesco espiritual com João Maria. Indica-o, o fato de ter escolhido um “nome de guerra” tão parecido. “Também não teria sido coincidência ter aparecido em Campos Novos, logo após ter surgido um rumor de que João Maria deveria ressurgir por ali.”⁷

O Monge é descrito por Mauricio Vinhas de Queiroz “como um tipo curiboca, de cabelos corredios e compridos, barba espessa; vestia-se de brim ordinário e, como um caboclo qualquer, andava às vezes descalço; quando muito, usava tamancos enfiados em meias grossas que lhe prendiam a boca das calças. Tinha dentes escuros de tanto fumar cachimbo. Ostentava um boné de jaguatirica semelhante ao do velho João Maria, porém adornado de penacho e fitas”.⁸ Já era um homem de quarenta e poucos anos.

Ao contrário dos outros monges, José Maria mantinha muitos fiéis que o seguiam em procissão. Também aceitava donativos pelos conselhos e receitas, os quais podiam ser em dinheiro ou em espécie, justificava-se que precisava comprar uma farmácia para o “seu povo”.

Não era um curandeiro como a grande maioria, sabia ler e escrever. Possuía cadernos nos quais anotava as propriedades medicinais de numerosas plantas da flora de Serra-Acima.

⁵ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 77.

⁶ QUEIROZ, *O messianismo no Brasil e no mundo*, p. 249.

⁷ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 81.

⁸ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 77.

Quando procurado pelos doentes, depois de ouvi-los e examiná-los, José Maria consultava seus cadernos. Havia sempre um secretário que o auxiliava, este copiava a receita, que era entregue ao doente por escrito. Nela além da prescrição das folhas, raízes e sementes a serem misturadas, também se ensinava a fazer as complicadíssimas essências. Geralmente entravam 700 gramas de cada produto. O número 7 e seus múltiplos eram tidos na área como números mágicos, que eram utilizados em orações e esconjuros pelos benzedores.

Muitos atribuíam às receitas escritas e as rezas manuscritas uma força sobrenatural e costuravam patuás, que serviam para “fechar o corpo” e outros fins benéficos.

Em suas pregações o Monge José Maria utilizava-se de metáforas e uma linguagem de difícil interpretação. “Uns vieram aqui só para tirar o tempo de nós. Como eu quero beber água limpa, quero que todos bebam. Hoje a maior parte suja a água para os outros beber; isto a gente não deve fazer”. A determinados indivíduos que haviam perdido uns animais, ele teria dito: “Quem tem sorte ganha; quem não tem, perde e apanha”.⁹

Levava consigo a *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, da qual eram lidos os capítulos a quem o seguia. Um estudo feito por Luiz da Câmara Cascudo demonstra que esse livro era muito conhecido no interior do Brasil, especialmente no Nordeste. Na região do Contestado era comum, mesmo longe das vilas, uma velha edição dessa história. Quanto à relação existente entre a História dos Doze Pares de França e o movimento do Monge José Maria, Douglas Teixeira Monteiro, levanta a hipótese de que a “incorporação da lenda de Carlos Magno ao universo ideológico da irmandade significou a busca de um nexo entre um presente intolerável e um passado percebido como a ordem justa e boa. As angústias concretas não se reduziam, desse modo, ao presente vivido, não apareciam como experiências singulares de privação, sofrimento e opressão, mas adquiriam o estatuto de um corte dentro de um tempo grandioso, tensão e crise de passagem entre uma ordem pretérita que degenerou e a construção de uma ordem sagrada”.¹⁰

Um repórter escreveu em 1914: “O livro predileto é uma maravilhosa História de Carlos Magno que entusiasma e alucina o seu espírito primitivo com aventuras extraordinárias de heróis invencíveis, homens que sozinhos atacam e derrotam exércitos aguerridos”.¹¹

⁹ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 82.

¹⁰ MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974, p.119.

¹¹ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 83.

Para Maurício Vinhas de Queiroz, “essa leitura que exaltava a coragem pessoal, a luta contra os “infiéis” e a fraternidade entre os campeões, marcaria diretamente os acontecimentos do Contestado”.¹²

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, “os Doze Pares de França formavam um corpo de elite; eram vinte e quatro cavaleiros melhor armados e montavam cavalos brancos suntuosamente arreados; levavam consigo nos combates um estandarte branco ou de cor, com uma cruz no centro. Destinava-se à luta nobre, que era o entrevero; e, nos ataques, avançavam em primeiro lugar, logo em seguida ao Monge ou às Virgens”.¹³

“A tradição historiográfica e a imprensa do período parecem divertir-se com o fato de os sertanejos entenderem 12 pares como um conjunto de 24 companheiros, escreve Paulo Pinheiro Machado. Afirma também que ao examinar o sentido percebe-se que os sertanejos falavam em “pares de França” ou “pares de São Sebastião”, sem se referir ao número “12” da história de Carlos Magno”.¹

Em Taquaruçu o Monge José Maria promoveu uma guarda de honra, composta de 24 homens e mais o comandante, com a denominação de Doze Pares de França, todos montados em cavalos brancos. É possível que tenha se inspirado não apenas no livro de Carlos Magno, como na organização das cavalladas, em que os cristãos em sua luta figurada contra os mouros, costumavam ser denominados Pares de França.

É em torno de José Maria que se forma o primeiro ajuntamento de Taquaruçu. O qual deu origem aos redutos. Os maiores foram Taquaruçu, Caraguatá, Santa Maria e Tamanduá. Além desses que eram centros mais ou menos fortificados havia um grande número de redutos menores, espalhados pelo mato, servindo em geral de defesa ou de guarda-avançada aos outros: Santo Antonio, Pedras Brancas, Corisco, Timbózinho, Perdizes Grandes, etc. De um reduto central partiam as ordens, que eram obedecidas por todos; e este núcleo servia também de refúgio aos componentes dos pequenos redutos quando se viam ameaçados. Conforme os avanços e recuos exigidos pela guerra, essas concentrações formavam-se e desfaziavam-se. A regra de nunca se concentrarem num único local prevaleceu até os últimos momentos da luta. Os “irmãos” deveriam se espalhar por várias vilas santas, como uma verdadeira rede.

¹² QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 83.

¹³ QUEIROZ, *O messianismo no Brasil e no mundo*, p. 255.

¹ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas – (1912-1916)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004, p. 201.

O monge José Maria morreu em combate na batalha do Irani, no mês de novembro de 1912. Terminado o combate, silenciosamente o corpo do monge foi colocado numa cova rasa, coberta de tábuas. Consta que no final da cerimônia um dos pares tomou a palavra a fim de reanimar os caboclos e disse:

– Ele prometeu de ressuscitar e quem tem fé pode tudo! Aquele que só fez o bem num pode desaparecer assim. Ele vai ressuscitar e vai vim a guerra de São Sebastião que nosso São João Maria anunciou.

Era a crença que se formava no coração daquela gente sofrida, que sonhava com dias melhores. O irmão José Maria não tinha morrido. Havia apenas “se passado”. Com São Sebastião e um “exército encantado” ele voltaria um dia para fazer prevalecer “a lei da coroa do céu”. Desde cedo se espalhou a crença de que não seria apenas o monge que ressuscitaria, mas todos os fanáticos que morressem em combate. Chegavam a afirmar que ninguém havia morrido no Irani. Eles não morriam, eles passavam.

“Havia uma ansiedade coletiva, que acompanhava o processo de profunda reelaboração mítica que se desenvolvia durante aquele momento de espera messiânica”.¹⁵ Acreditava-se que o monge havia passado para o Exército Encantado, cujo comandante era São Sebastião. Este Santo era tido como um santo guerreiro, protetor dos homens contra a fome e a peste, não apenas considerado o padroeiro do sertão de modo geral, mas era também padroeiro de Perdizes Grandes, em torno do qual viviam muitos dos seguidores do monge. No momento da parusia de José Maria, quando este voltasse em toda a sua glória, o Exército Encantado “apareceria”, isto é, ganharia aspecto concreto e seria invencível. Esta seria a Guerra Santa. A guerra de São Sebastião, anunciada por João Maria vinte anos antes e confirmada por José Maria pouco antes da Batalha do Irani:

– Eu vou começar a guerra de São Sebastião em Irani, com os meus homens que lá me esperam. Mas olha, Euzébio, marque bem o dia de hoje. No primeiro combate sei que morro, mas no dia em que completar um ano me esperem aqui em Taquaruçu que eu venho com o grande exército de São Sebastião.¹⁶

¹⁵ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 109.

¹⁶ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 110.



Foto do Monge José Maria acompanhado de três virgens.

8. Os redutos ou vilas santas

Nas vilas havia o “quadro santo”, que era uma praça retangular onde se situava uma igreja. Em cada um dos quatro cantos, um grande cruzeiro assinalava os pontos significativos de seu perímetro. A partir da formação dos redutos surge uma “Irmandade”.

“O modo pelo qual, de maneira mais evidente, a irmandade aparece como a tentativa de afirmação de uma Ordem, manifesta-se na prática das “formas”, afirma Duglas Teixeira Monteiro.¹⁷ Duas vezes por dia, reunidos no “quadro santo”, cumpriam os fiéis esse ritual. Conforme critérios de sexo e de idade, combinados com critérios funcionais (Pares de França, gente armada de um modo geral, comandantes, mulheres e crianças), distribuíam-se pelo terreno da praça e ali recebiam as ordens que o comandante, porta-voz direto ou indireto das potências do céu, fazia chegar até eles. As determinações eram tanto para as questões práticas, como questões religiosas e de conduta moral. Era durante as formas que se aplicavam os castigos, que iam desde o espancamento com varas, rabo-de-tatu ou face de facões até as penas capitais.

Paulo Pinheiro Machado diz que “além de servir a fins práticos, como organização dos serviços e divisão de tarefas, as formas cumpriam um papel de renovação e reforço motivacional dos redutários. Algumas formas de crianças eram realizadas à noite, com um grupo que levando à mão velas acesas, formava um coração, o que lhes conferia estatura de espetáculo”.¹⁸

Depois de rezarem ajoelhados, os fiéis em forma de procissão davam nove voltas em torno da praça, beijando seus quatro cruzeiros. Só então, o comandante da forma dava por

¹⁷ MONTEIRO, *Os errantes do novo século*, p.128.

¹⁸ MACHADO, *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas – (1912-1916)*, p. 203.

encerrada a cerimônia agitando uma bandeira branca onde estava inscrita a cruz verde. Dando vivas todos retornavam para suas atividades. A forma foi uma prática utilizada em todos os redutos e nas diversas fases do movimento.

Aconteciam também duas vezes por dia a hora do terço, que terminava com um sermão ou a leitura de um trecho da História de Carlos Magno e os Doze Pares de França. Às sextas-feiras e aos domingos, havia uma cerimônia também importante que terminava com o povo beijando as imagens que se encontravam dentro da igreja.

Outras cerimônias religiosas eram freqüentes nos redutos, como os ritos de batismo, ritos mortuários, ritos de casamentos. Estes eram considerados indissolúveis. As famílias eram respeitadas; o adultério da mulher era punido com a morte; o casamento de um compadre com uma comadre era considerado imoral; as prostitutas não podiam permanecer no meio dos fiéis.

Nos redutos havia uma divisão sexual nos trabalhos diários. Os soldados de José Maria não se ocupavam com a lavoura; eram responsáveis pela construção das cabanas, o treino das armas, as correrias dos piquetes. As mulheres além de cuidarem da casa e dos filhos, iam para a roça, onde plantavam milho e feijão e tratavam de uma pequena criação doméstica.

Os soldados de José Maria estavam organizados em infantaria e cavalaria. Os homens da infantaria eram armados de facões e armas diversas; os cavaleiros usavam fuzis. Havia os Pares de França, que formavam um corpo de elite, melhor armados e montavam cavalos brancos suntuosamente arreados. Esta força se exibia com muita freqüência em desfiles que tomavam aspecto religioso de procissão, com muitas bandeiras. Em torno do monge, além dos Doze Pares de França existia o grupo das “vírgens”, tão próximas a ele que em algumas ocasiões chegaram a assumir o comando dos sertanejos.

Os pecados e crimes eram interpretados de acordo com as regras do reduto. Não obedecer ao monge era a falta mais grave e não acreditar nele o pior dos pecados. Era necessária a permissão do chefe para as menores coisas. Para os soldados de José Maria as exigências eram ainda mais rigorosas. Quando estavam em serviço ou em missão, não podiam falar alto, nem rir, nem beber pinga, nem conversar com mulheres, nem entrar em casa alguma, não podiam perguntar para onde estavam sendo enviados, só o chefe do piquete sabia, nem demonstrar pressa de voltar ao reduto, deviam se comportar com o maior respeito uns para com os outros.

Quem desobedecia às regras era castigado, o castigo mais comum era o açoite. Era açoitado tanto aquele que era malcriado com a mãe como aquele que tomava um banho sem licença do chefe.

A organização econômica dos redutos era baseada na igualdade. Estavam convencidos da fraternidade absoluta, idealizada pelo Monge José Maria. “Do que um comia, tudo tinha que comer; do que um bebia tudo tinha que beber; todos eram irmãos”. O produto dos saques era dividido em partes iguais entre os irmãos. A distribuição de alimentos era feita proporcionalmente ao número de pessoas da família. O comércio foi banido, nada podia ser vendido, tudo deveria ser doado. Se alguém desobedecia era punido com a morte. Essa atitude demonstrava o desprezo para com o dinheiro e os bens materiais e o sonho de construir uma sociedade livre de todas as divergências sociais.

Esta igualdade, porém, possuía certos limites impostos pela hierarquia e pelos privilégios: a melhor parte do saque dos alimentos era reservada para as virgens, os chefes, os Pares de França, como uma honra devido à posição que ocupavam.

As práticas comunitárias podem ter tido origem nas práticas festivas. Nessas festas as pessoas que possuíam maior renda forneciam, com orgulho, o que era necessário para todos os convidados. Havia também a crença na recompensa para quem ajudasse os seguidores do Monge José Maria. Segundo Paulo Pinheiro Machado, “todos deveriam participar da Guerra de São Sebastião. Quem não o fizesse seria castigado severamente: vem uma escuridão de três dias, e ainda outros castigos piores, para quem se recusasse a tomar parte da guerra santa. A recompensa seria de dez para um, para os que contribuissem com a alimentação dos fiéis”.¹⁹

“O ambiente dos redutos era alegre, pontuado de procissões pomposas, de casamentos festivos, de largos momentos de ócio. A fama da vida que ali se levava exercia sedução especial sobre a juventude, que nela encontrava campo para aventuras; e sobre os mais velhos que, vivendo dispersos, passavam a conhecer a satisfação dos contactos diários com os semelhantes. No entanto, bailes, danças, jogos, eram formalmente proibidos. Não importava; outras compensações substituíam estes divertimentos normais no meio caboclo.

¹⁹MACHADO, *Lideranças do Contestado-A formação e a atuação das chefias caboclas – (1912-1916)*, p. 207.

E os velhos jagunços ainda hoje falam com saudade da alegria e da beleza da vida nos “quadros santos”, que era verdadeiramente celeste”.²⁰

Esta organização foi imposta por José Maria, desde os primeiros dias do ajuntamento que se formou em Taquaruçu.



Vista parcial de um reduto.

9. A Santa Religião

Nos redutos ou vilas santas imperava a religião do monge ou a santa religião. Quando a pessoa ingressava nos redutos seja voluntariamente ou recrutadas à força nos piquetes, eram obrigadas a se submeterem a uma cerimônia de purificação. Eram entregues aos Pares de França. Ajoelhados com os olhos voltados para o céu, deviam pedir perdão por seus pecados a todos os santos e a José Maria. Em alguns casos a pessoa recebia um outro nome, como um novo batismo. Nos redutos todas as pessoas deveriam ter nomes de santos. “Lá não podia ser irmão quem não tinha nome de santo. Eles não conheciam São Justiniano, que era como eu me chamava. Foi o padre Romão que me batizou de novo com o nome de João Maria”.²¹

Uma vez admitida no reduto a pessoa deveria se sujeitar às normas impostas. Havia regras severas com relação à moral sexual. Nenhum desrespeito era tolerado com relação às mulheres. Não se admitia a bigamia. As famílias eram muito importantes, inclusive as famílias dos inimigos eram respeitadas.

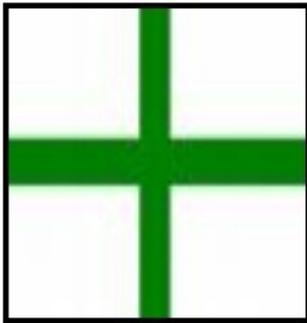
²⁰QUEIROZ, *O Messianismo no Brasil e no mundo*, p. 259.

²¹ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 191.

Os casamentos eram realizados nas vilas, no reduto do Tomazinho, por exemplo, era o “padre” Sebastião Romão quem celebrava o casamento. No caso de Santa Maria era um juiz, geralmente um dos Pares de França quem oficializava o casamento. Durante a cerimônia os noivos recebiam das mãos de uma criança vestida de anjo um prato esmaltado, contendo farinha, açúcar mascavo e uma colher para que os noivos comessem alternadamente essa farofa. Os casamentos eram inscritos numa caderneta e depois registrados pelos comandantes de forma em livros especiais.

A cerimônia da forma e a reza do terço faziam parte da religião. Cantavam o terço, a Bendita de Deus, a Glória da Virgem, o São Senhor Morto e a Virgem Santíssima Sempre Imaculada.

Todos que fora do reduto se manifestavam contrários à religião eram considerados hereges.



Bandeira do Contestado:
Cruz verde em fundo branco

10. Os videntes do Contestado

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, “a autoridade de José Maria tivera por base os milagres e acontecimentos extraordinários que os adeptos acreditavam realizasse. Sua vida estranha, seu aspecto peregrino forneciam um primeiro fundamento à crença, que dotes terapêuticos e milagres confirmaram. Morto o Monge, as “Virgens e os intermediários foram reconhecidos como tais porque visões, milagres, vida ascética eram provas de sua comunicação com o sagrado”.²²

²²QUEIROZ, *O Messianismo no Brasil e no mundo*, p. 257.

A morte do monge José Maria em vez de abater o ânimo dos sertanejos, aumentou ainda mais sua confiança na vitória. Alguns passaram a receber mensagens ou ter visões do Irmão, que conclamava o povo para a guerra.

Euzébio Ferreira dos Santos, dono de terras na região de Perdizes Grandes, simpatizante do movimento e crente fervoroso da esperada ressurreição do monge, criava uma neta órfã de mãe, de onze anos de idade, chamada **Teodora**. Faltando dois meses para completar um ano do Combate no Irani a menina apareceu uma tarde, dizendo que num galpão afastado tinha visto três homens um dos quais era o Monge José Maria. Todos se dirigiram para o local rezando, e avistaram, no entardecer, uma luz que subia no céu. Teodora pediu que parassem de rezar, pois o santo poderia ir embora e como somente ela poderia vê-lo seria melhor que não houvesse ninguém presente. Ao se espalhar a notícia inicia-se a romaria dos curiosos e dos doentes. Para estes a menina se embrenhava no mato e de lá regressava com uma xícara de sangue, dizendo que era o sangue de José Maria, tirado por ele mesmo, com uma faca, de sua perna.

Muitos não se convenceram que a menina era uma vidente, por isso ela não continuou por muito tempo sendo a porta-voz do monge. Maurício Vinhas de Queiroz escreve que a própria Teodora quando fora entrevistada muitos anos depois, afirmou que não tinha visões: “Eu não via nada. Eram os velhos que se juntavam e diziam as ordens”.²³

Como as visões de Teodora não conseguiram convencer profundamente aquele povo, surge **Manoel**, filho de Euzébio, um rapaz de dezoito anos, dizendo ter se encontrado com José Maria no mato e que trazia uma mensagem dele para o seu pai. Euzébio deveria convocar gente para a guerra de São Sebastião. A partir daí, Manoel passa a ser o “enviado de Deus” encontrando-se regularmente com o monge. Numa de suas ordens José Maria pediu que todos se dirigissem para Taquaruçu, onde seria erguida a cidade santa e onde o monge apareceria para todos. Acompanhando Euzébio que vendeu o que tinha, uma grande caravana partiu para Taquaruçu.

Organizado o reduto, era Manoel quem permitia a entrada de novos habitantes. Todos que se apresentavam em Taquaruçu eram obrigados a beijar as mãos e os pés de Manoel. O beija-pé passa a ser diário. Ele também ordenava os castigos. Quando Frei Rogério

²³ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 113.

Neuhaus foi visitar o reduto tentando convencer os crentes a voltarem para suas casas, Manoel deixou bem claro que o comandante era ele. Numa conversa entre o Frei e Euzébio, O Frei mostrou-se incrédulo quanto às aparições de José Maria e a existência do exército de São Sebastião. Diante disso Euzébio levantou-se indignado com a espada na mão dizendo que se o Frei não acreditasse nas palavras do enviado de Deus apanharia naquele momento.

Numa reunião secreta cogitaram espanca-lo, degola-lo e até castra-lo, sugestão da mãe de Manoel, Dona Querubina. No entanto, prevaleceu a opinião de que o deixassem partir sem castigo algum.

A queda de Manoel se deu quando às vésperas do combate, ele reuniu o povo, declarando ter recebido uma ordem de José Maria para dormir com duas virgens. Isto soou de maneira tão insólita, diante da austera moralidade em que viviam os caboclos, que imediatamente o depuseram.

Foi substituído por um neto de Euzébio, chamado **Joaquim**, um menino de onze ou doze anos de idade, que recebeu o título “de Menino-Deus”. Uma das primeiras providências de Joaquim foi dar uma surra de vara de marmelo em Manoel, para tirar-lhe a santidade. Mandou também surrar Querubina, sua avó que era muito chegada a Manoel, mas depois disso ficou sendo considerada santa. Manoel sumiu de Taquaruçu e nunca mais ninguém teve notícias dele.

Joaquim nomeou doze pares, encarregados de transmitirem aos outros as mensagens de José Maria. Estes não eram os Doze Pares de França. Após uma grande vitória em Taquaruçu, o menino Joaquim manteve sua liderança. O entusiasmo era tanto que planejavam construir um palácio no alto do morro de uma fazenda do coronel Francisco de Albuquerque, e o Menino-Deus Joaquim seria ali o chefe de governo. A afirmação por parte de Joaquim de que se fossem atacados novamente não venceriam, fez com que muitos se mudassem para Caraguatá. Euzébio, Joaquim e Querubina também haviam deixado o reduto.

Novos líderes assumiram o comando de Taquaruçu, Joaquim e seus avós perderam seu prestígio. Agora é o filho de Linhares que se apresenta como o “Menino-Vidente”. Esse menino de dez anos transmitia as mensagens do monge secretamente ao seu pai e a um negro velho de setenta anos.

Nesse tempo, os fanáticos se reuniam à noite, todos olhavam para as nuvens, e alucinados diziam ver no céu castelos, torres, igrejas e o exército de São Jorge e São Sebastião.

O novo ataque a Taquaruçu arrasou o reduto. Os remanescentes seguem para Caraguatá. **Maria Rosa**, uma mocinha de 15 anos começa sua carreira como virgem inspiradora. Em geral, o povo dos redutos considerava Maria Rosa uma santa e julgava que ela tudo sabia e cumpriam religiosamente as ordens dadas por ela. Acreditavam que era a representante da vontade do monge. Ela possuía toda a autoridade no reduto, designava chefes, destituía comandos, sentenciava. Nas procissões ela marchava à frente, carregando uma grande bandeira com a cruz verde.

Uma epidemia de tifo em Caraguatá, obriga a mudança do reduto para Bom Sossego, onde um novo reduto é levantado. Ali aparece Henrique Wolland, conhecido como o Alemãozinho. Tinha fama de inteligente e sua valentia era tida por indiscutível. Maria Rosa o confirmou no posto de liderança com plenos poderes inclusive sobre os outros redutos. Wolland acabou se excedendo com relação a seus poderes e foi destituído pela Virgem.

Apesar da confiança depositada em Maria Rosa, um jagunço que esteve no reduto declarou que suspeitou do conselho secreto. “Francisco Castro, afirmava que não lhe custara perceber o ardil dos chefes; de noite se reuniam e davam depois as ordens a Maria Rosa. No dia seguinte, durante a forma, Maria Rosa dizia que as ouvira do próprio José Maria. Os chefes deste conselho eram Euzébio, Elias de Moraes, Venuto Baiano e Eliasinho de Souza, o pai da virgem”.²⁴

Durante o comando da Virgem, um militar chamado Matos Costa quis verificar pessoalmente como era a vida nos redutos. Com a ajuda de José dos Santos, apelidado de Nhozinho, simpatizante do movimento, mas que possivelmente fazia jogo duplo. Matos Costa trocou de roupa, raspou o cabelo e colocou fita branca no chapéu, dessa forma conseguiu permanecer incógnito no acampamento-mor de Bom Sossego. Com o tempo alguns começaram a desconfiar tanto de Matos Costa como de José dos Santos e os dois tiveram que fugir. O fato é que desconfiaram também da conivência de Maria Rosa e Eliasinho de Moraes, se não fosse assim provavelmente o militar não teria conseguido a façanha de permanecer no reduto. A isto se deve a perda de prestígio de Maria Rosa.

²⁴ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 151.

Em pouco tempo a Virgem não possuía mais nenhum poder. Alguns diziam que a voz misteriosa que avisava Maria Rosa “não vinha mais”. A própria Maria Rosa afirmou que havia perdido a força ou santidade porque havia se deixado levar pelo orgulho. Já antes dessa declaração de Maria Rosa, **Francisco Alonso de Souza, o Chiquinho Alonso**, segundo Maurício Vinhas de Queiroz, “moço ainda, mas “sujeito onça”, saiu à frente de um piquete sem dar satisfação à virgem”.²⁵ Na volta foi aclamado comandante. Maria Rosa concordou e segundo depoimentos teria dito:

– “Ele é quem manda. Então vocês atendam ele. Eu não tenho mais nada com isto”. “E acrescenta um informante que, “daí o povo já obedeceram ele”.²⁶ O comandante Francisco Alonso morreu num combate no rio das Antas.

A queda de Maria Rosa havia gerado um conflito entre os seus partidários e os adeptos de Elias de Moraes. Com a morte de Francisco Alonso, Elias de Moraes convida **Adeodato Manoel Ramos**, homem de confiança de Francisco. Adeodato resistiu à proposta, mas por insistência tanto da parte de Elias como Domingos Crespo, o qual possuía grande influência sobre ele, acabou aceitando, dizendo que teve um sonho no qual José Maria lhe apareceu e ordenou-lhe que assumisse o comando.

Em 21 de dezembro de 1914 os militares receberam informações de que os fanáticos estavam construindo em Taquaruçu a “Nova Jerusalém”, a qual deveria ficar pronta até o dia 25. Adeodato havia prometido que esse seria o “natal de Cristo” pois João e José Maria ressuscitariam e após a festa da ressurreição, os jagunços divididos em diferentes colunas, atacariam a Cidade de Lages, a qual seria destruída e ocupariam a Vila de Curitiba, onde seria erguida a “Cidade Santa” sob a liderança dos monges.

Durante a tarde de Natal, os fanáticos iniciaram suas cerimônias, com procissões e fogos em louvor a São Sebastião. Foram atacados de surpresa pelas tropas do exército e fugiram sem reagir. Taquaruçu foi, pela segunda vez, destruída. Adeodato e os caboclos foram para o reduto de São Miguel.

²⁵ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 163.

²⁶ QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 163.

Depois de uma campanha vitoriosa em seus piquetes e devido à crença que havia sido tocado pelo poder divino, Adeodato passou a agir como um tirano, aterrorizando a vida no reduto e fora dele. Qualquer dúvida ou pergunta era tida como indisciplina e o mais leve sinal de crítica, de desconfiança ou de querer sair era o suficiente para a pessoa ser considerada culpada e condenada à morte.

Um exemplo dos desmandos do comandante foi o caso de Aleixo Gonçalves de Lima. Adeodato mandou que ele saísse da forma, deu três tiros nele e mandou que arrastassem seu corpo.

Também tirou a vida de sua mulher. Declarou que Elias de Moraes havia garantido a ele que a mulher tinha relações com Joaquim Germano, o qual também foi morto por Adeodato. Com relação à morte de sua mulher, muitos asseguraram que ele a matou para ficar com a viúva de Francisco Alonso, que era jovem e bem feita de corpo. Diziam que Adeodato andava de cabeça baixa pelo reduto e, em dado momento, puxava o revólver e atirava em alguém, dizendo que havia recebido uma ordem para matá-lo.

Adeodato proibiu a tristeza e o lamento diante da morte. As viúvas, os órfãos e os parentes eram proibidos de chorar ou exprimir qualquer tipo de sentimento, ao contrário deveriam exclamar: “Tinha de ser assim”.

Mesmo diante do terror, alguns afirmavam que o que Adeodato fazia era justiça divina. “No auge do seu poder, havia quem afirmasse que ele era o “flagelo de Deus”.²⁷

Com a derrota do movimento, Adeodato acabou sendo preso e ficou sete anos na prisão, numa tentativa de fuga foi baleado e morreu pouco tempo depois.

11. Cronologia

1910

A *Brazil Railway* conclui o trecho da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, chegando ao Rio Uruguai. Cerca de 8 mil trabalhadores são dispensados e ficam perambulando pela região.

1911

²⁷QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 237.

É criada a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Têm início as expulsões de famílias de agricultores das margens da ferrovia e das terras próximas que eram ricas em pinheiros e imbuías.

1912

Aparece em Campos Novos o monge José Maria.

Agosto, 6 - Festa do Senhor Bom Jesus na localidade de Taquaruçu, no município de Curitiba. Convidado pelos festeiros do lugar, o monge José Maria comparece. A festa reúne muitos desempregados e famílias expulsas de suas terras pela *Lumber and Colonization*. Após a festa muitas famílias permanecem no local e passam a construir um núcleo de fiéis do monge. José Maria lê a História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França e ali constitui 24 homens como seus Doze Pares.

Outubro - Ameaçado pelo "coronel" Albuquerque, de Curitiba, José Maria retira-se para o Irani (a oeste) seguido por 40 cavaleiros armados.

Outubro, 22 - Batalha do Irani. Tropas do Regimento de segurança do Paraná atacam o monge e seus seguidores. No combate morrem o coronel João Gualberto, comandante das tropas paranaenses e o místico José Maria.

1913

Dezembro, 1º - Início do reduto de Taquaruçu, sob a liderança de Euzébio dos Santos e Chico Ventura. Um filho de Euzébio, Manoel, é tido como vidente.

Dezembro, 29 - Primeiro ataque a Taquaruçu, por tropas do Exército e da Polícia Militar Catarinense. Os atacantes são repelidos.

1914

Janeiro - Início do reduto de Caraguatá.

Fevereiro, 8 - Segundo ataque a Taquaruçu. O reduto é bombardeado e arrasado. Os sobreviventes vão juntar-se ao reduto de Caraguatá. Ali, está no comando a virgem Maria Rosa.

Março, 9 - Ataque de forças do Exército a Caraguatá. Grande vitória da Irmandade. Segue-se uma epidemia de tifo e o reduto é transferido para Bom sossego (vale do Timbózinho).

Abril - Assume o comando da repressão ao movimento o general Carlos de Mesquita. Em sua ofensiva encontra o reduto de Caraguatá já abandonado, limitando-se a queimar os ranchos que ainda encontrou. Dá sua missão por cumprida e deixa na região apenas uma tropa comandada pelo capitão Matos Costa, sediada em Vila Nova do Timbó.

Junho - Lideranças populares da região de Canoinhas aderem à irmandade. Entre essas, Aleixo Gonçalves de Lima, Bonifácio Papudo e Antônio Tavares Jr. Também numeroso grupo da oposição de Curitiba, liderado por Paulino Pereira. Formam-se diversos novos redutos menores.

Julho, 15 - Ataque da Irmandade a Canoinhas.

Agosto - Mudança do reduto principal para Caçador.

Setembro, 5 - Destruição da Estação Calmon e da Serraria da Lumber naquela localidade por um piquete da Irmandade comandado por Francisco Alonso.

Setembro, 6 - Destruição da Estação São João. Emboscada ao trem militar comandado por Matos Costa, quando este perde a vida.

Setembro, 11 - Chega à região o general Fernando Setembrino de Carvalho, para dirigir a guerra contra a Irmandade.

Setembro, 26 - Piquete da irmandade ocupa Curitiba. Na mesma época, outros piquetes ocupam, ao norte, Salseiro, Iracema, Moema, Papanduva.

Outubro, 26 - Tropas do Exército ocupam Salseiro.

Novembro, 2 - Morre em combate o comandante Francisco Alonso. Em seu lugar vai assumir Adeodato Ramos.

Novembro, 8 - Ataque dos rebeldes a Canoinhas, repellido. Seguem-se ataques a essa cidade quase diariamente, até o mês de dezembro. Por orientação do novo comandante, o reduto principal é transferido para o Ribeirão Santa Maria.

Novembro, 16 - Ataque de tropas ao reduto Paciência, frustrado.

Dezembro, 20 - Reduto Piedade é abandonado diante do ataque do Exército.

Dezembro, 23 - Maior e último ataque rebelde a Canoinhas.

Dezembro, 25 – Famílias que se reorganizavam em Taquaruçu são atacadas por tropas sob o comando do Major Paiva, durante uma procissão. Taquaruçu é totalmente destruído.

Dezembro, 28 – Rendem-se às tropas de Setembrino de Carvalho perto de 200 homens liderados por Henrique Wolland, o Alemãozinho, que se torna grande colaborador das forças repressoras.

1915

Janeiro 8 - Reduto Tavares, o mais oriental, é tomado.

Janeiro, 19 - Operação de reconhecimento aéreo pelos aviadores capitão Kirk e Darioli.

Fevereiro - Operação "limpeza" do capitão Tertuliano Potyguara (com 200 soldados e 500 vaqueanos) no vale do Timbózinho. Destrói os redutos de São Sebastião e Pinheiros. Mais grupos vão reunir-se ao reduto principal de Santa Maria.

Fevereiro, 8 - Primeiro ataque ao reduto Santa Maria, por tropas sob o comando do Tenente. Coronel. Estillac Leal. A guarda do reduto repele o ataque.

Março, 1 - Cai o aeroplano Morane-Saulnier do capitão Kirk, quando realizava vôo de reconhecimento indo unir-se às tropas que atacariam o Santa Maria no dia seguinte. O piloto morre no acidente e a aviação não participou mais da guerra.

Março, 2 - Novo ataque contra Santa Maria pela coluna Sul (Estillac Leal). Lançam-se obuses. Não tem êxito.

Março, fim do mês - Destacamento especial sob comando do capitão Potyguara avança pelo norte, tomando uma a uma as Guardas e os redutos anexados ao reduto principal. Entra finalmente em Santa Maria, mas fica cercado pela tática de defesa da Irmandade. Consegue socorro dos 2 mil homens de Estillac Leal. Santa Maria é totalmente incendiado.

Abril/Maio - Sob o comando de Adeodato muitos sobreviventes reagrupam-se em novos redutos (São Miguel depois São Pedro e Pedras Brancas) e, após a retirada do grosso das tropas, reiniciam a guerra. Muitos dos que tentaram se apresentar às tropas militares foram sumariamente fuzilados no mato.

Outubro, 17 - O reduto de Pedras Brancas é tomado.

Dezembro, 17 - O último reduto, São Pedro, é destruído por uma força de vaqueanos.

1916

Agosto - Adeodato Manoel de Ramos, último comandante "Jagunço" é preso e enviado para a cadeia em Florianópolis. Depois de 7 anos tenta fugir e é morto por um oficial. Nos anos que se seguiram, os sobreviventes sertanejos continuaram sendo caçados e fuzilados, ou degolados, por policiais e piquetes de vaqueanos, a mando dos coronéis.

Outubro, 20 - É assinado o Tratado dos Limites, entre o Paraná e Santa Catarina, pondo fim ao mais sangrento conflito camponês dos tempos modernos.

Considerações finais

O Conflito do Contestado foi fruto de uma grande luta travada pelo sertanejo para conseguir a posse da terra e a conservação dos costumes, que a estrada de ferro e a madeira, símbolos do capitalismo vieram ameaçar. Os caboclos sabiam exatamente quem eram seus inimigos: os coronéis, os estrangeiros e o governo Hermes da Fonseca. Não aceitavam que suas terras, às margens da ferrovia só pudessem ser ocupadas por imigrantes estrangeiros. Num bilhete encontrado no bolso de um sertanejo morto em combate estava escrito: "Nóis não tem direito de terras. Tudo é para as gentes da Oropa". Tinham consciência de que todo o sofrimento era causado pela política nacional. Por isso odiavam a República, representada por Hermes da Fonseca e se diziam monarquistas.

Os caboclos acabaram rompendo também com a Igreja Católica, que nesse momento encontrava-se num processo de romanização, incentivado principalmente pelos franciscanos alemães que atuavam na região. Eles se indentificavam muito mais com as práticas locais de cura e com as pregações dos Monges em suas andanças pela região.

Com a morte do Monge José Maria aconteceu uma reelaboração mística. A espera pelo retorno do Monge com o "exército encantado", permitiu a construção de um novo projeto de sociedade, baseado nos ensinamentos dos Monges, na elaboração do quadro santo, nas formas, na formação dos pares de frança, nas virgens, nos videntes e nas lideranças, enfim toda a organização das cidades santas.

Para Maurício Vinhas de Queiroz, o Contestado foi um movimento messiânico, visto que o messianismo se caracteriza por um movimento em que "um número maior ou menor de pessoas, em estado de grande exaltação emotiva, provocada pelas tensões sociais, se reúnem no culto a um indivíduo considerado portador de poderes sobrenaturais, e se

mantêm reunidas na esperança mística de que serão salvas de uma catástrofe universal e (ou) ingressarão ainda em vida num mundo paradisíaco: a terra sem males, o reino dos céus, a cidade ideal...”²⁸

Ele coloca como fases características dos movimentos messiânicos “a prenúnciação, a vida pública do Messias e sua paixão, a dispersão dos discípulos e surgimento da crença na ressurreição, o reagrupamento dos crentes na esperança do millenium e a evolução posterior, com a protelação da parusia”.²⁹

A fase do prenúncio é caracterizada pela presença de um profeta que introduz modificações na religião tradicional, portador do anúncio do fim do mundo, fazendo aparecer ou acirrar as crenças escatológicas. Quando o monge João Maria desaparece, os sertanejos não acreditavam que um homem como aquele pudesse morrer, ele apenas havia se retirado para voltar no momento certo para livrar seu povo dos sofrimentos e injustiças. Ao surgir José Maria, apesar de se apresentar como irmão de João Maria, os sertanejos o aceitaram como se ele fosse a reencarnação do Monge, que teria voltado como prometera.

A fase que diz respeito à vida pública do Messias, pode variar de acordo com o movimento, isto é, o líder pode ou não se assumir como o Messias. No caso do Contestado, José Maria se colocava como um grande curandeiro, dotado de alguns dons divinos. Somente depois de morto foi considerado um Messias e isso é imprescindível para caracterizar um movimento como messiânico. Outro fato importante se refere à morte do líder, todos devem acreditar que este morreu pela causa de seu movimento e que sua morte foi considerada completamente injusta. José Maria morre em combate. Porém dias antes teria afirmado que os sertanejos eram de paz, que não atacariam ninguém somente reagiriam se fossem atacados.

A fase da dispersão dos discípulos e o surgimento da crença na ressurreição estão muito bem representadas no Contestado. Após a morte de José Maria na Batalha do Irani seus seguidores não aceitaram uma derrota tão cruel, e passado o desespero e a insegurança do momento, passaram a acreditar que o Monge se comunicaria através de videntes. Até o dia em que retornaria com o Exército Encantado para fazer a Guerra de São Sebastião, essa

²⁸QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 251.

²⁹QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 256.

guerra derrotaria os inimigos do povo e os sertanejos enfim teriam uma vida de justiça e fraternidade.

A fase do reagrupamento dos crentes na esperança do millenium pode ser vista no processo de agrupamento em Taquaruçu com sertanejos vindos de todas as partes. Lá eles formaram uma comunidade, que com a volta de José Maria se tornaria uma cidade santa.

A fase da evolução posterior, com a protelação da parusia, no Contestado foi muito breve. Frente aos ataques impiedosos do exército o movimento transformou-se numa insurreição armada, as questões militares e políticas se tornaram mais urgentes.

Os miseráveis sertanejos perderam a guerra e a República restabeleceu a “ordem” e retomou o “progresso” no sertão catarinense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDET, Jean Claude. *Guerra camponesa no Contestado*. São Paulo: Global, 1979.

BRITO, Enio José da Costa e TENÓRIO, Waldecy. *Milenarismos e messianismo ontem e hoje*. São Paulo: Loyola, 2001.

DESROCHE, Henri. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: UESP, 2000.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1976.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social*. São Paulo: Editora Ática, 1981.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Horizontes utópicos e projetos históricos: a centralidade religiosa do messianismo no ordenamento do mundo moderno*. São Bernardo do Campo: UESP, 1999.